

Em Lisboa

Naftal Langa: choro onze anos depois

Dom. 18/9/88

por Salomão António

Recrutado numa região da localidade de Macupane, ao norte da província de Gaza, mais concretamente no distrito de Manjacaze, ele chegou a esta vila aos 17 anos, pela mão da companhia Manuel Antunes. O destino era a então cidade de Lourenço Marques, mas antes tinha que recrutar mais jovens e, neste, encontra o actual monstro da escultura moçambicana Chissano, a vender mulala no bazar e convence-o a largar a mercadoria a por, que está em Lourenço Marques ia ser realdade. Ele próprio atrai as mulaladas do Chissano ao lago e os dois seguem viagem, na companhia de muitos.

Chegados a Lourenço Marques, depois de uma viagem nocturna, são a tirados ao antigo armazém das Oliveiras, pois de mercaderia não passavam. No dia seguinte, o Conselho Administrativo de Malalanhã resolveu-lhes o problema dos contratos e daí cada um seguiu o seu caminho. E é chamada-se Naftal Langa.

Tal como nos afirmou, se ele convenceu Chissano a vir a Lourenço Marques, este por sua vez induziu-o a esculpir e foi seu conselheiro da primeira linha, sem que tivesse sido seu mestre.

Naftal Langa esteve este ano em terras portuguesas, onde de 12 de Maio a 1 de Junho participou numa exposição da Escultura Contemporânea de Moçambique que, de acordo com a imprensa portuguesa e com irmações do próprio Langa se

de Governo e uma de Macamo, foram todas vendidas no intervalo de mais ou menos 13 dias. Mas as suas palavras talvez tenham mais eco que as nossas. Por isso, sobre as impressões e comportamento do público lisboeta, Langa afirma:

— O público português ficou muito admirado porque na sua maioria, de escultores desta arte em Moçambique só conheciam o Chissano. No entanto, não sabiam que havia mais escultores em Moçambique ou não. Eu disse-lhes que há muito mais escultores do que se pensa em Portugal e outros pontos do globo sem muita aproximação com o mundo artístico de Moçambique. É pena, fora de Moçambique o escultor é só o Chissano. Não é que eu não reconheço e respeito o nível artístico do Chissano. Tem muita qualidade, não se pode, até hoje, questionar isso. Ele é um homem trabalhador e criativo, mas os outros também existem.

Face a esta situação de pouco conhecimento da nossa cultura plástica noutros pontos, quisemos saber qual a forma ou o que é que se deve fazer para que as coisas funcionem satisfatoriamente, o que Langa nos disse:

— É necessário que a nossa escultura de tutela abra caminhos para os artistas plásticos, à semelhança do que se faz com os músicos, grupos de dança e, porque não o desporto? O artista deve abrir-se, deve ter contactos

Langa disse que as viagens só para os chamados experientes só prejudicam. Que latitude empresta a esta expressão?

— Tomemos um exemplo muito recente. Quando foi do simpósio da criança traumatizada em Harare, numa reunião preparatória havida na sede da AEMO disse-se que só o Malangatana é que devia ir a Harare, porque é o mais experiente, é o mais viajado, é muito conhecido. Pronto, ele foi, voltou e nada sabemos. Ainda não nos disse nada. Não pense que tenho inveja do Malangatana, não. Só pelo facto de ele ser pintor e eu escultor, não posso ter nada com ele.

Naftal Langa queixava-se muito da situação dos artistas não viajados:

— O que certa gente quer é que tomemos a atitude de outros e deixemos o nosso país, para depois tê-lo como ponto de turismo, como fazem outros, mas nós vamos continuar e trabalhar para provar ainda mais que somos capazes, façam o que fizerem.

Soubemos que em Lisboa Naftal Langa experimentou uma vez um choro como uma criança. Como foi?

— Não experimentei coisa nenhuma. Chorei, chorei, de dor, chorei onze anos depois e agora vou contar a história para que todos a conheçam. Mas só a conto na condição de me promover que vai contar tudo, porque senão não vale a pena....

Está bem. Olha, o meu colega Samate, no ano passado, concedeu uma entrevista a este mesmo jornal, que até a tenho guardado, na qual afirmava que as nossas obras que se dizem desaparecer são vendidas e não nos dão satisfação.

Muita gente pensou que o Samate falava muito, tinha inveja e outras coisas menos recomendáveis. E eu tenho eu para contar a esse mundo? Em Lisboa, apareceu-me um alemão, colecionador de arte, e disse-me que tinha uma escultura cujo autor era o Malangatana. Fiquei doente. Desmenti-o porque sei que o Malangatana nunca esculpiu em madeira. Ele desenvolve escultura em metal. Se me tivesse dito que a escultura era do Samate ou Mankeu, eu teria aceite porque esses já esculpiram. O homem disse-me que traria a obra para a galeria barata, onde eu estava a expor, porque achava-me teimoso. Dias depois trouxe-a. Trouxe-a em brulhada e chamaram-me para receber a encomenda que me era destinada, mas quando desembrulhei, não me pude conter. Reconheci a minha escultura e disse-lhes que era minha. Discutiram os presentes e mandei-lhes verificar a parte de baixo, onde normalmente gravo a minha assinatura. E lá estava o meu nome. Chorei. Chorei mesmo de verdade. O colecionador, que também tem uma residência em Lisboa, convidou-me a um jantar em sua casa, mandou fotografar a escultura e ofereceu-me duas fotografias, para além de me ter comprado duas esculturas



Naftal Langa

minhas na exposição.

O que é que isto tem de notícia? Bom, se estão recordados, realizouse um FESTAC em Lagos, capital nigeriana, onde para além das artes plásticas outras manifestações culturais do nosso país estiveram presentes. Isto em 1977. Esta escultura, minha, que aparece em Lisboa depois de ter sido comprada em Lagos e sob o nome de um autor não verdadeiro, foi dada como uma das várias obras que Jessapa receberam sem se saber como. Não recebi nada da verba. Se ainda há dúvidas, o homem que mostrou a escultura está vivo e tenho aqui fotografias e testemunhas.

Fizeram parte da delegação dos artistas plásticos Malangatana, Arlindo Longo e Obadias Muchanga, para além de José Júlio, que mais tarde foi afastado da delegação, residindo hoje em Lisboa. Agora pergunto: como é que nós vamos confiar nesta gente, depois destas crapulices todas? Olha, em quase todas as exposições em que despareceram obras, os mais experientes estavam lá e nunca se tentou resolver esse problema. Sempre se parou por aí.

Porque as declarações do nosso entrevistado chamam outras pessoas ao diálogo, contactámos com o chefe da delegação moçambicana ao FESTAC de Lagos, em 1977, Gabriel Simbine, actualmente chefe do Departamento das Relações Internacionais da AMASP.

Gabriel Simbine afirmou ao «Domingo» que a responsabilidade das obras dos artistas plásticos era do pintor Malangatana, não tendo havido, por isso, controlo por parte do chefe da delegação. Reconheceu, no entanto, que as obras, como o restante do material, não estavam asseguradas.

Referencio ainda que do material pertencente ao Estado desapareceu uma máscara e que só se viria a descobrir tal desaparecimento cá em Maputo. Era uma máscara que trouxemos da luta armada e estimávamo-la muito. Era um património cultural de grande significado para mim e para tantos, sobretudo aquela dançarina que a usava. Foi disso que eu tive conhecimento. Sobre as obras dos

artistas, o Malangatana não me disse nada.

Simbine sublinha ainda que as obras não faziam parte da colecção do Governo e, por isso, não tinha autoridade sobre elas. No entanto, durante o decurso da exposição não estava autorizada a venda das mesmas mas, uma vez terminado o FESTAC, os artistas podiam comercializar as suas obras.

Malangatana, num contacto que com ele tivemos para apurar mais pormenores, afirmou categoricamente que não houve desaparecimento de nenhuma obra, pois não nos separámos de as em nenhuma circunstância. Quando regressámos esclarecemos toda a ocorrência numa reunião havida com os artistas no Núcleo de Arte. É possível que esse colecionador que comprou a obra de Naftal Langa tenha pensado que ela fosse minha, mas isso não pode ser verdade, porque eu não trabalho madeira.

Nós vendemos obras no FESTAC de Lagos e recebemos dinheiro em moeda nigeriana. Trouxemos parte desse dinheiro mas que não servia para nós em Moçambique e esse assunto foi esclarecido junto dos artistas. Levou-se esse dinheiro ao Ministério das Finanças. Contudo, até hoje os artistas ainda não receberam esse dinheiro.

Um outro facto surgido da conversa que tivemos com o pintor Malangatana é o de ele afirmar que foi entregue parte do dinheiro das vendas, o que, no seu falar, quer dizer que a outra parte foi empregada na compra de bilhetes de passagem para os artistas e outras despesas pontuais, pois a companhia que os levou à Nigéria falhou. Nestes termos, a única alternativa de sobrevivência e de regresso a Moçambique era fazer uso do dinheiro das vendas.

Alis, para vincar o grau de dificuldades por que passou a delegação dos plásticos moçambicanos na Nigéria, Malangatana fez referência ao facto de terem passado refeições durante uma semana em casa do Embaixador português.

Destes factos não teve conhecimento o responsável da delegação moçambicana ao FESTAC de 77, Gabriel Simbine.



Esta escultura foi comprada na exposição realizada no FESTAC de Lagos, capital nigeriana, em 1977 e o seu autor foi informado de que ela havia desaparecido e nada recebeu da sua venda, descobrindo-a agora em Lisboa

saldou num êxito sem precedentes. Aliás, no livro de assinaturas pode-se ler da Sandra Simões, por exemplo, o seguinte: — Com muita arte para uma sempre África. José Rubão escreveu: — Se escutar a respiração dos seres é arte, então esta é muito boa. Gostei.

Julgamos pertinente sublinhar que as 24 obras que se levaram a Lisboa, 14 das quais de Langa, nove

com todo o mundo das artes. Quando há uma oportunidade, são os experientes, só os mais viajados é que podem sair. Isso só prejudica. Para mim, todo o artista que executa uma obra deve dialogar com o apreciador. Podem não ser todos, mas aqueles que convivem com os artistas. Em Lisboa precisamos muito da arte moçambicana, sobretudo a pintura.